



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

Agosto

Nº 285

O QUE ACONTECEU EM AZINCOURT EM 1415?

Luiz Ernani Caminha Giorgis

Aluno da Universidade Sul de Santa Catarina

Curso de História Militar

A situação geral é a da Guerra dos Cem anos, que começou em 1337, terminou em 1453 e foi travada entre França e Inglaterra por questões dinásticas, ou seja, para determinar qual das monarquias, a francesa ou a inglesa dominaria o reino gaulês. A guerra durou 116 anos.

Essa guerra teve algumas grandes batalhas e outras menores. Das maiores, se destacam a:

- Batalha naval de Sluys, em 1340;
- Batalha de Crécy em 1346;
- Batalha de Poitiers em 1356;
- Batalha de Azincourt em 25 de outubro de 1415; e
- Batalha de Castillón em 1453.

Este texto se refere à Batalha de Azincourt, comuna situada na região litorânea no extremo norte francês, departamento de Pas-de-Calais.

O soberano inglês Henrique V capturou o Porto de Halfleur em 1415 e depois conquistou a vitória em Azincourt no mesmo ano. O comandante francês derrotado foi o nobre Carlos I de Albret que substituiu Carlos VI, supostamente portador de problemas mentais.

Quatro anos depois, os ingleses já dominavam toda a Normandia.

Crécy e Azincourt se distanciam da ordem de 451 Km. E longos 69 anos separaram as duas batalhas, nas quais os erros franceses que os levou às derrotas foram os mesmos.

Estamos na terceira fase da guerra. Conforme o álbum A Arte da Guerra (Abril Livros, 1993):

Em Azincourt, os cavaleiros franceses avançaram contra as linhas inglesas, mas foram facilmente cercados pelos arqueiros inimigos que lançaram um ataque cerrado. Lutando e escorregando em terreno lamacento, muitos franceses se asfixiaram ou foram mortos por seus próprios companheiros. Outros foram mortos pelos arqueiros ingleses com punhais e clavas. No fim do dia, os franceses haviam perdido cerca de cinco mil homens, e os ingleses somente algumas centenas.

Mas esta é somente uma ótica da batalha. Muitas outras condicionantes estavam presentes.

Conforme John Keegan (1995, p. 313)

...os cavaleiros ingleses lutaram desmontados e apoiados por arqueiros [...] e o grosso dos franceses desmontou. A ideia de que cavaleiros encouraçados, cavalgando joelho contra joelho, lanças em riste, em densas ondas de fileiras sucessivas, poderiam ter atacado uns aos outros sem que ocorresse uma catástrofe instantânea para ambos os lados no momento do impacto é uma afronta à inteligência.

Havia canhões em Azincourt, mas eles “faziam pouco mais que barulho e fumaça no campo de batalha” (Keegan, 1995, p. 330). Eram as bombardas que, aperfeiçoadas, deram origem aos canhões. Estes, sim, de grande utilidade e efeitos nas guerras.

O livro *History of War* do *The Times* (2000, p. 59) diz o seguinte:

O plano francês para Agincourt indica como o seu pensamento tático, se não a sua sorte, melhorou ao longo do tempo. O desdobramento padrão inglês incluía arqueiros nas laterais e homens de armas desmontados (isto é, os cavaleiros e escudeiros armados no meio).

Os franceses desenvolveram um ataque em três frentes. Uma tropa com mais de mil homens carregaria os ingleses em seu flanco direito e os destruiria. Ao mesmo tempo, arqueiros apoiados por soldados de infantaria, avançariam em ambos os flancos para atacar e perseguir os arqueiros ingleses.

Como golpe de misericórdia, uma força de 200 homens montados atacaria o trem de bagagem inglês na retaguarda.

Este ataque teria a grande vantagem de distrair a atenção inglesa, já que a bagagem continha o saque que eles haviam coletado diligentemente, assim como seus cavalos.

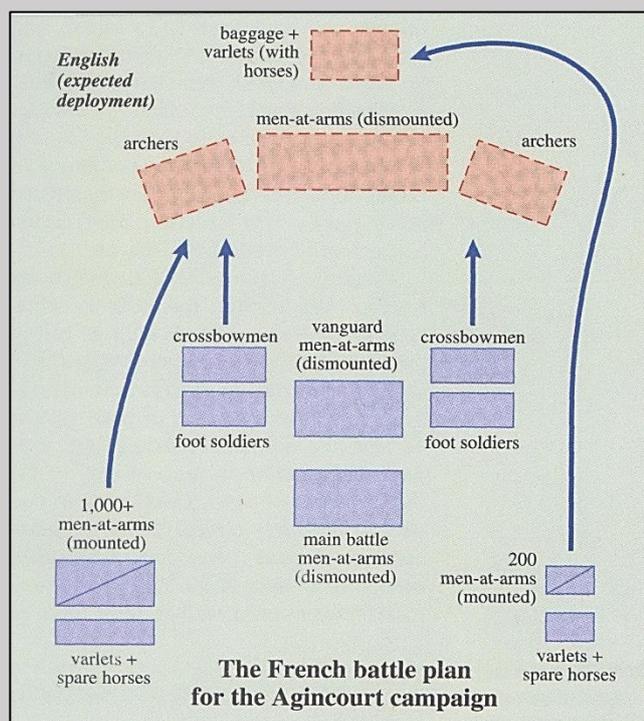
As duas unidades de cavalaria eram apoiadas por uma força com cavalos de reserva e que também podiam fornecer uma proteção e força de resgate para a cavalaria, se necessário.

Finalmente, as duas frações no centro permitiram que os franceses aumentassem ou encurtassem sua linha de frente para coincidir com o desdobramento dos homens de armas ingleses.

Nas grandes derrotas da França, os ingleses “empurraram” as forças armadas francesas. Um documento recentemente discutido sobre o plano de batalha da França para o combate de Azincourt mostra o modo de como o francês pensava nas diversas maneiras de derrotar a Inglaterra.

Em Azincourt, o plano não pôde ser executado, porque o campo de batalha era muito estreito para que as forças francesas se desdobrassem completamente.

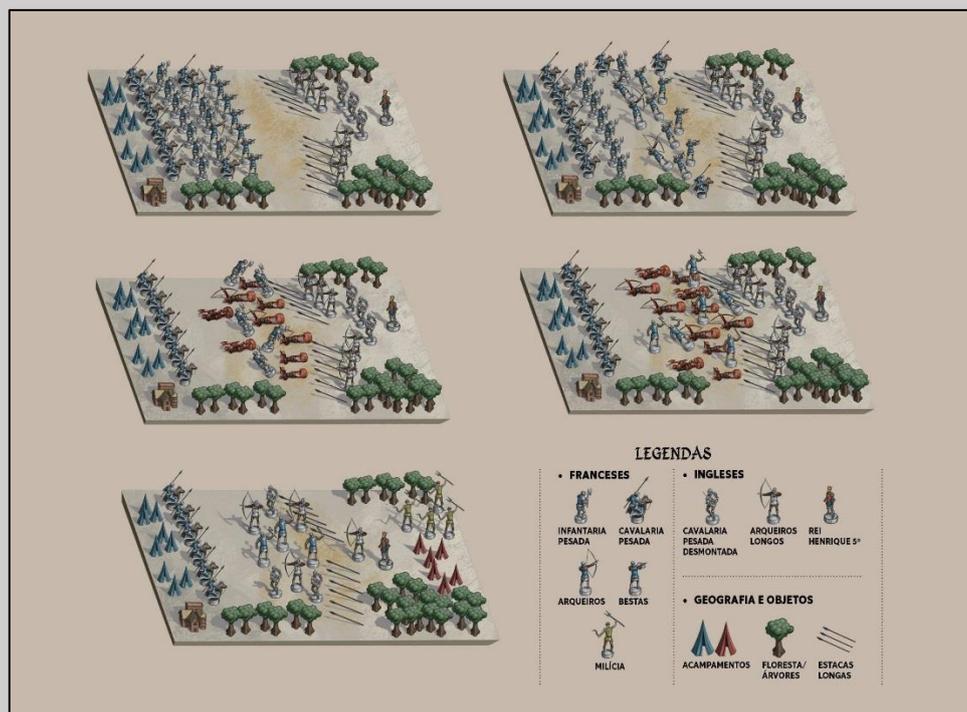
Esquema da batalha (ingleses em bege e franceses em azul):



Os fatores e circunstâncias que podem ser alinhavados (as) para explicar a vitória inglesa e a nova derrota francesa, como foi em Crécy, são os (as) seguintes:

- a superioridade de efetivos franceses (entre 20 e 30 mil) em relação aos ingleses (em torno de seis mil) não foi decisiva na batalha;
- a chuva na data da batalha facilitou a defensiva inglesa e prejudicou o ataque francês em face do terreno enlameado;
- a floresta ao redor da posição inglesa facilitou a defensiva, posto que os flancos ficaram protegidos;
- Henrique V colocou a cavalaria pesada desmontada no centro do dispositivo prevenindo um ataque francês nesse setor;
- Henrique V determinou o avanço dos seus arqueiros até o ponto em que os franceses ficassem ao alcance dos arcos longos e mandou atirar, o que equivalia, na prática, à ação de uma artilharia;
- Henrique V mandou colocar estacas fincadas no solo para se defender de um ataque frontal da cavalaria francesa;
- Já na fase do ataque, o comandante francês determinou o avanço dos arqueiros comuns e dos soldados armados com bestas, mas esta tropa de ataque em primeiro escalão ficou em clara vulnerabilidade frente aos arqueiros longos ingleses;
- A tropa atacante foi forçada a recuar;
- Com isto, Carlos I de Albret acionou a infantaria e a cavalaria pesada para atacar pelos flancos;
- Com o terreno encharcado, as armaduras pesadas dos atacantes dificultaram o avanço;
- Não obtendo resultados satisfatórios, o comandante francês determinou o avanço sobre o centro do dispositivo inglês mantendo uma reserva à retaguarda;
- Também não foi bem sucedido este ataque face às flechas, à lama e aos corpos de soldados abatidos nas tentativas anteriores;
- Com isto, a superioridade numérica francesa ficou praticamente neutralizada;
- A Zona de Ação francesa era muito estreita, não permitindo flexibilidade às vagas de assalto;
- As tropas francesas perderam a formação, o que prejudicou enormemente a impulsão do ataque;
- Percebendo a vulnerabilidade francesa, Henrique V partiu para o Contra-Ataque, determinando aos arqueiros o combate corpo a corpo abandonando os arcos e utilizando espadas e machados; ou seja, os arqueiros se tornaram infantaria na verdadeira acepção do conceito de Infantaria;
- O resultado foi um sucesso, permitindo aos ingleses o prosseguimento em direção ao interior do dispositivo;
- O comandante francês ficou impossibilitado de acionar a sua reserva, o que determinou na prática o resultado do combate;
- Henrique V ainda enfrentou um ataque ao seu acampamento protagonizado por milicianos franceses, pelo que determinou que os prisioneiros fossem mortos; ordem não totalmente cumprida;
- Baixas inglesas: 400 combatentes (dado controverso, sujeito à contestações); e
- Baixas francesas: entre três e cinco mil mortos, inclusive três duques, seis condes e mais de 90 nobres (dados sujeitos à contestações) (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-batalha-de-agincourt-na-guerra-dos-cem-anos/>).

Abaixo, mais um esquema da batalha, conforme a revista Super Interessante, da Abril.



Um outro fator que pode ter contribuído para a derrota francesa foi a ausência do rei Carlos V à frente de suas tropas, fato que pode ter prejudicado o princípio da Unidade de Comando.

Fontes:

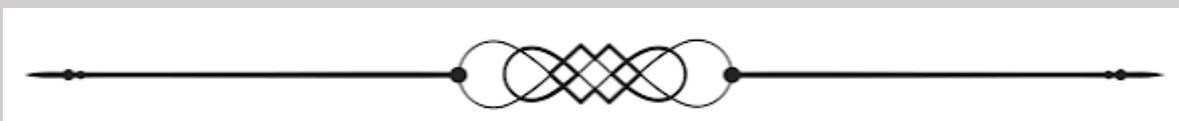
KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THE TIMES. History of War. Londres: Harper Collins, 2000.

TIME LIFE Livros. A Arte da guerra. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1993.

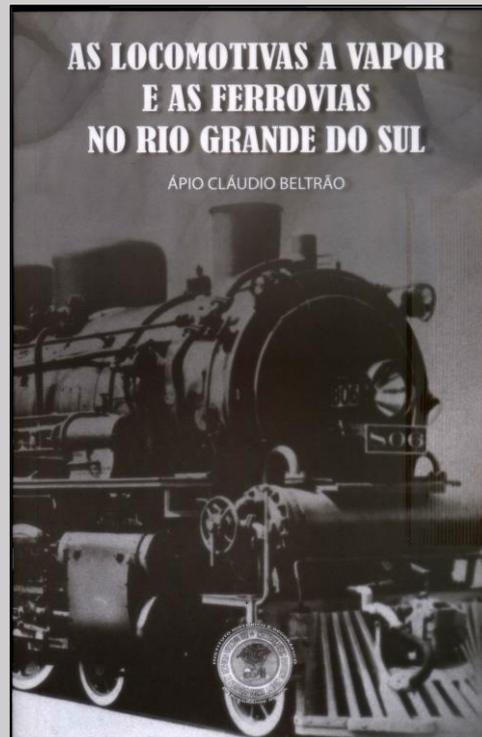
Fontes eletrônicas:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-batalha-de-agincourt-na-guerra-dos-cem-anos/>

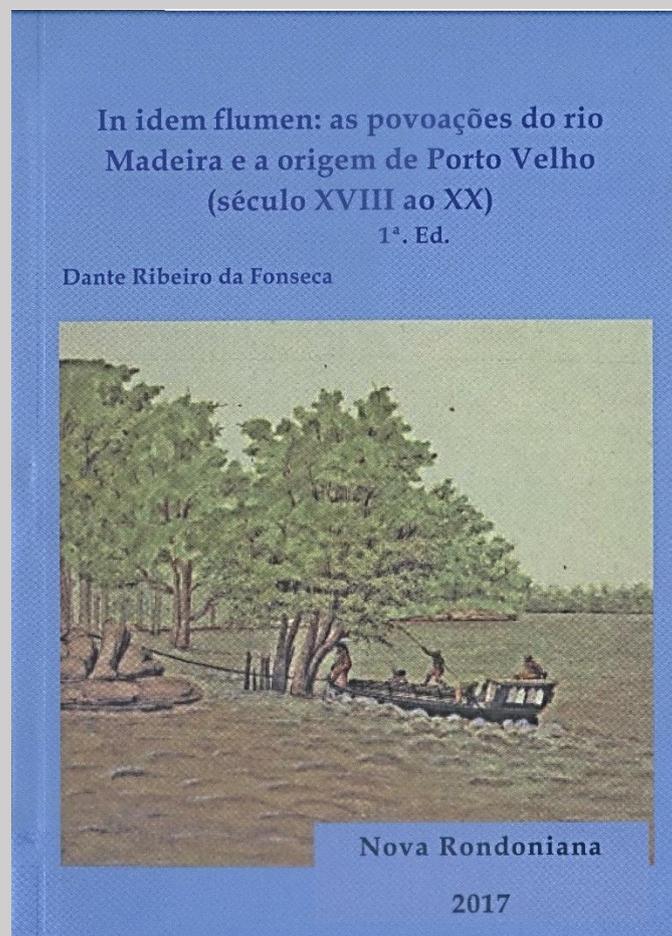


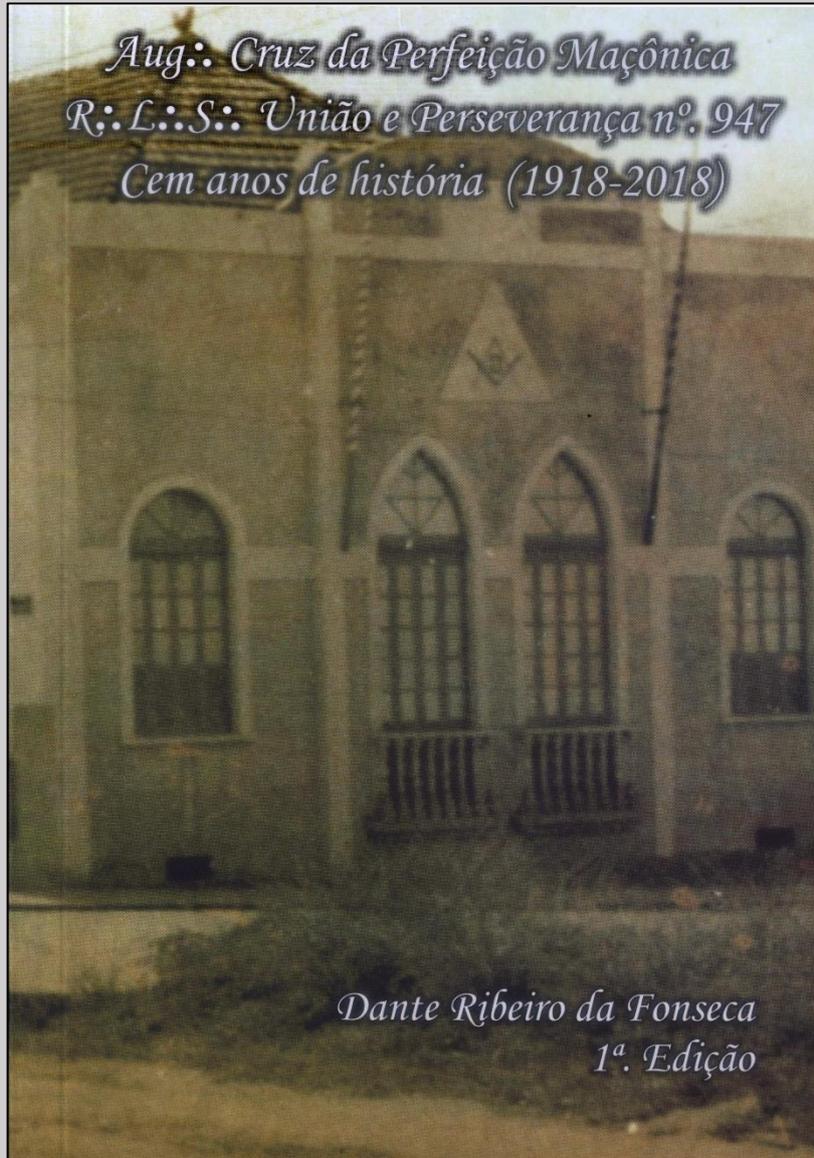
OBRAS RECEBIDAS POR DOAÇÃO DOS AUTORES

A obra cuja capa está na página seguinte conta a história das estradas de ferro do estado do RS na época da Viação Férrea (VFRGS), foi recebida através do IHGRGS e está à disposição dos integrantes e amigos da AH-IMTB/RS.



As obras seguintes foram recebidas diretamente do autor. Igualmente, estão à disposição dos integrantes e amigos da AHIMTB/RS. O autor é o Dr. Dante Ribeiro da Fonseca, residente em Porto Velho, residente em Porto Velho.





Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>